



**CIRCULAÇÃO E A COMUNIDADE DE LEITORES NAS
PRINCIPAIS CAPITAIS BRASILEIRAS (1950-2014) DA
OBRA *PARTO NATURAL***

Lilian Fernandes Arial Ayres*
Universidade Federal de Viçosa – UFV
lilian.ayres@ufv.br

Wellington Mendonça de Amorim**
Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro – UNIRIO
amorimw@gmail.com

RESUMO: O artigo é um estudo histórico na perspectiva da História Cultural, no qual foram utilizados textos de Roger Chartier. O objetivo foi analisar o processo de circulação e a comunidade de leitores da obra *Parto Natural: Guia para os futuros pais*, publicada em meados do século XX. Acredita-se que o livro *Parto Natural* teve boa entrada na cultura brasileira daquela época, uma vez que houve um número repetido de edições em nove anos. Lendo, manejando e se apropriando da obra, compreende-se que as estratégias editoriais buscaram um número maior e mais diversificado de leitores: mulheres, homens, alunos e profissionais da área da saúde. Por meio da materialidade e da estética do livro, foram constatados indícios de leituras, intenções contrastadas e leitores diversos. Elas, conjuntamente, produziram de uma maneira despercebida, ou não, uma ampliação da comunidade de leitores, desenhando fronteiras culturais totalmente imprevisíveis e inéditas dentro e fora do campo obstétrico.

PALAVRAS-CHAVE: História Cultural – Circulação - Comunidade de Leitores - Parto Normal.

**CIRCULATION AND READING COMMUNITY IN
BRAZIL'S MAIN CAPITALS (1950-2014) FOR THE
PUBLICATION '*PARTO NATURAL*'**

ABSTRACT: In this historical study, under the lens of Cultural History, the texts of Roger Chartier were used. The objective is to analyze the process of circulation and reading community for the work '*Parto Natural: um guia para os futuros pais* (*Natural Childbirth: A Guide for Future Parents*), published in the middle of the 20th century. It is believed that the book *Natural Childbirth* probably made a large impression on Brazilian Culture in the middle of the 20th century for the repeated times it was edited and

* Doutora em Biociências pela Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro (UNIRIO). Professora adjunta da Universidade Federal de Viçosa – UFV.

** Doutor em Enfermagem pela Universidade Federal do Rio de Janeiro, Brasil (UFRJ). Professor Associado do Departamento de Enfermagem de Saúde Pública, da Escola de Enfermagem Alfredo Pinto/UNIRIO.

published over nine years. Reading, manipulating and appropriating the work, one understands that editorial strategies look for a greater and more diversified number of readers: women, men, students and health professionals. Through the materiality and aesthetics of the book, evidence of readings, contrasting intentions and diverse reading public became notable. These factors were able to produce, imperceptibly or not, an amplification of the reading public, giving way to totally new and unexpected cultural frontiers from both within and beyond the field of obstetrics.

KEYWORDS: Cultural History – Circulation - Reading Community - Natural Childbirth.

Vivenciamos hoje uma assistência ao parto normal excessivamente tecnologicada, medicalizada e centrada no profissional de saúde, sobretudo no médico. Essa temática vem, cada vez mais, ganhando espaço, pois mesmo após as evidências científicas comprovando os benefícios de uma assistência ao parto normal humanizada e qualificada, notam-se diversos problemas no modelo de atenção à saúde obstétrica brasileira, tanto no âmbito do sistema privado quanto no do público. Muitos profissionais de saúde continuam praticando uma assistência que traz danos à saúde da mulher e ao seu recém-nascido.

Neste contexto, emergem diversos movimentos em defesa do parto natural. Tanto no Brasil, como em outros lugares, por exemplo, nos países da Europa e nos Estados Unidos, têm sido desenvolvidos vários estudos sobre a assistência ao parto. Além desses, no mundo virtual há os blogs, que são comunidades sociais, formadas por ativistas do parto, que estão densamente interconectadas e com proposições de maneiras mais naturais de dar à luz. A título de ilustração, percebe-se um número crescente de demanda por partos domiciliares como alternativa de parto e nascimento de uma forma natural.

Essas constatações chamaram minha atenção ao encontrar o livro *Parto Natural: Guia para os futuros pais* no acervo do Laboratório de Abordagens Científicas na História da Enfermagem (LACENF) da Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro (UNIRIO). Ele foi impresso na sua forma clássica, em brochura, formato retangular, tamanho 14 × 19 cm, considerado bolso francês. Possui uma capa dura improvisada e repleta de manchas amarelas. O livro foi escrito pelo médico obstetra americano e professor da Universidade de Yale Frederick Goodrich, e foi traduzido para o português, em sua 1ª edição, em 1955. O livro original é intitulado *Natural ChildBirth a Manual for Expectant Parents* (1950).

Inicialmente o que mais me chamou atenção ao entrar em contato direto com a obra foi o título, *Parto Natural*, pois esta definição vem sendo muito utilizada pela mídia, pelas mulheres e por alguns profissionais de saúde que defendem o protagonismo da mulher. A partir desse livro indaguei: será que é possível falar de um movimento pela naturalização ou humanização no parto e do nascimento no Brasil na década de 1950? Diante disso, passei a procurar estudos que tinham abordado o assunto. Um deles foi a tese de doutorado da pesquisadora Carmem Tornquist, intitulada *Parto e Poder – O movimento pela humanização do parto no Brasil*.¹

A autora ressalta que em meados do século XX surgiram críticas internas do próprio campo biomédico ao modelo obstétrico instalado à época. Ela acrescenta que entre os críticos estavam o obstetra inglês Grantly Dick Read e o francês Fernand Lamaze, que passaram a questionar as interferências realizadas pelos médicos e pelas enfermeiras sobre o corpo das mulheres, com a justificativa de aliviar a dor. Para a autora, esses médicos preocupavam-se em resgatar o protagonismo das mulheres no processo do parto, ressaltando que elas detinham condições inatas, desde que educadas para isto, para passar pelo período do parto de uma forma não traumática.²

Naquela época, no Brasil, destacavam-se a produção e a publicação de livros e artigos científicos, conferências, entre outros suportes que enunciavam discursos concernentes às teorias ou aos métodos de preparação da mulher para o ciclo gravídico puerperal. Entre essas teorias sobressaem o “Parto Sem Temor”³, o “Parto Sem Dor”⁴ e

¹ TORNQUIST, Carmem Susana. **Parto e poder**: o movimento pela humanização do parto no Brasil. 2004. 412f. Tese (Doutorado em Antropologia) - Universidade Federal de Santa Catarina. Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social, Florianópolis, Santa Catarina, 2004.

² Ibid.

³ A teoria “Parto sem Temor” é considerada um dos métodos mais conhecidos e um dos pilares para a educação preparatória para o parto. Ela foi criada pelo obstetra britânico Grantly Dick Read. Em 1942, ele estabeleceu essa teoria e salientou que a preparação da gestante com informações corretas sobre as modificações da gravidez, o ensino do relaxamento e a respiração eram considerados um antídoto do temor, conseqüentemente da dor. SEVASTANO, Helena; NOVO, Djalma Pereira. Aspectos psicológicos da gestante sob o ponto de vista da teoria do Núcleo do Eu. **Rev. Saúde Pública**, São Paulo, v.15, p.101-110, 1981. p.9

⁴ A teoria “Parto sem Dor” foi criada a partir de uma viagem que Fernand Lamaze realizou em 1951 à União das Repúblicas Socialistas Soviéticas (U.R.S.S.). Ele pôde examinar e conhecer o método soviético ou pavloviano em sua aplicação na prática do Parto Sem Dor. Afirmam que é essencialmente diferente e se afasta em absoluto de qualquer outro método de preparação, consistindo estritamente em uma educação racional, física e psíquica da mulher durante as últimas semanas de gravidez. LAMAZE, Fernand; et al. **Parto Sem Dor**. Revista Atualidade Médica e Biológicas e Editora Vitória LTDA. 1956. 223.p.

o “Parto Natural”⁵, a primeira e a última foram a base teórica e metodológica da obra *Parto Natural*. Entre os produtores desses livros, traduzidos e publicados no Brasil, estão os estrangeiros Frederick Goodrich, Fernand Lamaze e Pierre Vellay. No Brasil destacam-se a produção e a circulação dos livros *Parto Sem Dor*⁶, *Parto Sem Dor: pelo método psicoprofilático*⁷, *Parto Natural Sem Dor*⁸, que enunciavam discursos concernentes às teorias de preparação supracitadas. A maioria dos livros circulou entre os anos de 1950, e alguns foram reeditados até a década de 1980. Evidencia-se que as expressões *parto sem dor* e *parto natural* apareceram frequentemente em seus títulos, o que remete à aceitação desses termos naquela época.

Postula-se que existia um mercado fértil para esse tipo de produção, o que pode ter colaborado para a divulgação das ideias dos métodos de preparação para o parto não só no campo da saúde, mas também no cotidiano das mulheres que, possivelmente, foram leitoras dessas obras. Após a leitura desses materiais impressos e pautada na crença do poder do livro, supõe-se que elas pretendiam modificar as práticas e os comportamentos referentes ao modo de gestar, parir e maternar em meados do século XX.

Corroborar-se o pensamento de Bourdieu no que se refere à importância da leitura na vida das pessoas. Nas palavras do autor: “Participo da crença na importância da leitura, participo também da convicção de que é muito importante ler e de que alguém que não lê é mutilado, etc. Vivo em nome disso”.⁹ A leitura é uma prática criadora. Cada leitor recria o texto original de uma nova maneira, conforme os seus domínios de competência textual e com as suas especificidades. Conclui-se que uma

⁵ A teoria “Parto Natural” foi instituída pelos médicos Frederick W. Goodrich, Jr. Herbert Thoms e Robert H. Wyatt, teve início por volta dos anos de 1947 na Universidade Yale. Ela é basicamente uma filosofia de preparação intelectual, emocional e física para o parto, até o final da gestação, que permite à mulher desfrutar de gravidez e parto mais saudável e feliz. GOODRICH, Frederick, Junior. *The Theory and practice of natural childbirth*. **Yale Journal of Biology and Medicine**. v.25, p 529-534, 1953. p.05

⁶ LAMAZE, Fernand; et al. **Parto Sem Dor**. Revista Atualidade Médica e Biológicas e Editora Vitória LTDA. 1956. 223.p.

⁷ MASCARENHA, Gerson de Barros. **Parto sem dor: pelo método psicoprofilático**. Salvador: Livraria Progresso Editôra, 1958. 154.p.

⁸ BEUTNER, G.W. **Parto Natural sem Dor**. Rio de Janeiro: Editora Fundo de Cultura, 1962. 160. p.

⁹ BOURDIEU, Pierre; CHARTIER, Roger. A leitura: uma prática cultural. In: CHARTIER, Roger (Org.). **Práticas da leitura**. São Paulo: Estação da Liberdade, 2009. p. 229-254.

prática cultural não é constituída apenas no momento da produção de um texto ou de qualquer outro objeto cultural, ela também se constitui no momento da recepção¹⁰.

Essa prática cultural está diretamente relacionada com o desenvolvimento e o progresso das pessoas. A leitura contribui para a mobilização efetiva das competências e habilidades e ainda assegura ao homem maior poder de discussão e autonomia, pois, segundo Roger Chartier, ela e a escolarização são necessárias para uma pessoa progredir no mundo social tal como ele é.¹¹ Os impressos fixam ou são portadores de palavras. Eles consolidam as sociabilidades e/ou prescrevem os comportamentos, atravessando o foro íntimo e a praça pública, e levam a crer, a sonhar, a fazer ou imaginar: eles contornam a cultura na sua totalidade, compondo com as formas tradicionais, instaurando novas distinções.¹²

O livro *Parto Natural*, um explícito manual educativo, é um jogo de representações nas e pelas palavras, assim como em sua capa, no título, nas páginas, nos espaços em branco, nas imagens e nas entrelinhas, onde traz um conjunto de normas e códigos de como a mulher ou os futuros pais devem se comportar durante o processo de gestar, parir e maternar. Os dispositivos textuais, a materialidade, a estética e principalmente a linguagem direta, coloquial e narrativa, com tom imperativo e normativo, foram utilizados com frequência na obra para atestar a autoridade e a competência do médico, que expõe seus conhecimentos e sua habilidade à comunidade leiga. Constata-se que ela procurou estabelecer ordens em forma de conselhos para as mulheres, a fim de persuadi-las e demonstrar a força da representação do método de preparação para o parto. Trata-se da fundamentação própria da função dos textos de recordar, governar e representar o parto normal e a autoridade médica sobre o corpo da mulher.

As capas das quatro edições dessa obra foram determinantes para alcançar um bom resultado, permitindo ao leitor o reconhecimento do livro, do seu objetivo principal e da autoridade médica, assim como da sua área de conhecimento, do espaço geográfico e social de circulação, bem como os leitores almejados. Diante do exposto, pretendeu-se

¹⁰ BARROS, José D'Assunção. A história cultural francesa – caminhos de investigação. **Fênix – Revista de História e Estudos Culturais**. Vol. 2 Ano II nº 4. 2005.

¹¹ CHARTIER, Roger. ENTREVISTA Especial. **Linguagens, Educação e Sociedade**. Teresina, n. 13, p. 138-156. jul./dez. 2005.

¹² CHARTIER, Roger. **A História Cultural**: entre práticas e representações. Lisboa: Difel, 1988. 244.p.

com este artigo analisar o processo de circulação e a comunidade de leitores da obra *Parto Natural: Guia para os futuros pais* em meados do século XX, a partir dos indícios de sua existência em algumas bibliotecas brasileiras.

OPERAÇÃO METODOLÓGICA

Trata-se de um estudo histórico na perspectiva da História Cultural, no qual foram utilizados textos de Roger Chartier¹³, um dos maiores expoentes desse campo historiográfico. Esse tipo de abordagem torna-se mais precisa e evidente a partir das últimas décadas do século XX, porém apresenta antecedentes desde o início do século, ou anteriormente. Converte-se para uma nova maneira de questionar a realidade, trazendo como referencial os problemas de pesquisas relacionados com a cultura e destacando a função das representações.¹⁴

Diante da necessidade de constar o processo de ampliação e aprofundamento da temática, mediante a visão atual da história, especialmente da História Cultural, no presente trabalho o *corpus* documental foi o livro *Parto Natural: Guia para os futuros pais*, 1ª edição em 1955, 2ª edição em 1957, 3ª edição em 1960 e 4ª edição em 1964. Todas foram produzidas pela Livraria Atheneu e são de autoria de Frederick W Goodrich Jr., tendo como tradutor Abrahão H Brafman.

Para a realização desta pesquisa foi necessário adquirir todas as edições citadas. Em seguida, buscamos mapear em quais bibliotecas ela está presente. Procuramos identificar alguns dos espaços de leituras (público e privado) que favoreceram a formação das comunidades de leitores e a circulação. O primeiro livro que encontramos estava no Laboratório de Abordagens Científicas na História da Enfermagem (LACENF). Apresenta-se como a 3ª edição, publicada em 1960, por isso fomos buscar as outras. Durante a investigação, localizamos a 1ª, a 2ª e a 4ª edição.

Com o intuito de delimitar o processo de produção da obra o *Parto Natural* e ter acesso aos catálogos da editora, entramos em contato com a Editora Atheneu. O contato inicial foi por telefone e, em seguida, fizemos duas visitas. No entanto, foi comunicado que não existe um acervo na editora, o que impossibilitou encontrar

¹³ BARROS, José D'Assunção. A história cultural francesa – caminhos de investigação. **Fênix – Revista de História e Estudos Culturais**. v. 2, p.1-17. 2005.p.17.

¹⁴ CHARTIER, Roger. **A História Cultural: entre práticas e representações**. Lisboa: Difel, 1988, p.244.

materiais sobre a sua editoração, como o manuscrito, as cartas de negociações entre os editores, autores e tradutores, o processo de confecção da obra, as modificações realizadas nas capas e folhas de rosto, as formas de distribuição, os custos, a vendagem, a tiragem e os seus catálogos.

Além disso, a iniciativa de trabalhar com as quatro edições implicou a tentativa de encontrá-las na Biblioteca Nacional do Rio de Janeiro. Deparamo-nos com a existência desses materiais impressos (3^a e 4^a edição) e em seguida começamos um processo de investigação que visou demarcar em quais bibliotecas universitárias a obra *Parto Natural* se encontra. Até o momento descobrimos exemplares no acervo do Centro de Memória da Universidade Federal de Minas Gerais, na Universidade Estadual Paulista, na Universidade Federal de Brasília, na Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro e na Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Das 83 bibliotecas contatadas, apenas 14 não responderam às solicitações.

A fim de localizar o livro *Parto Natural* em outras bibliotecas e analisar as listas de empréstimos, consideramos relevante pesquisar bibliotecas municipais e estaduais existentes no Brasil, distintas das supracitadas. Inicialmente questionamos em qual biblioteca pesquisar, ou em qual região. Diante da imensa extensão territorial brasileira, fizemos uma delimitação geográfica em torno das universidades supracitadas nas quais encontramos a obra. Dessa forma, incluímos as capitais como Porto Alegre, Belo Horizonte, Rio de Janeiro, São Paulo e Brasília. Além disso, por encontrar alguns livros produzidos na Bahia e por ser o local do primeiro curso de medicina do País, em 1808, também a colocamos em nossas buscas. Durante a investigação e até o momento o livro *Parto Natural* não foi localizado nas bibliotecas públicas, exceto na Biblioteca Nacional, uma vez que todos os livros produzidos e publicados no Brasil devem ser adquiridos por ela. Das 73 bibliotecas, apenas 24 responderam que não possuem o livro *Parto Natural* em seus acervos.

OS LEITORES LEIGOS E NÃO ESPECIALIZADOS DA OBRA *PARTO NATURAL*: GUIA PARA OS FUTUROS PAIS

Ao analisar o título, especialmente o subtítulo da obra, *Parto Natural: Guia para os futuros pais*, pode-se supor que o livro foi direcionado ao núcleo familiar. No conteúdo da obra é demarcada a reafirmação do saber médico sob a comunidade de

leitores leigos não especializados¹⁵, principalmente as mulheres. Este fato pode ser confirmado pelos indícios implícitos nos textos, nas ideias, na materialidade e na história de “Maria” e “Vera”.

Em suas primeiras páginas há uma narrativa ficcional sobre o parto de duas mulheres (“Maria” e “Vera”). As personagens não são reais, nem as histórias se passaram com uma mulher-padrão ou em um parto-padrão. A composição dessas histórias foi resultado de descrições e relatos de muitas mulheres que deram à luz e das observações feitas por alguns daqueles que as assistiram naquela ocasião. Essas duas narrativas são descritas de formas distintas e com finais também diferentes, são exemplos extremos – o branco e o preto.¹⁶

Essas situações hipotéticas foram retratadas com o intuito de serem enfrentadas pelas mulheres e seus companheiros e são utilizadas como ponto de partida para os comentários posteriores na obra. A narrativa leva a crer que obras são capazes de invadir as tramas familiares e o silêncio dos lares e de modificar, inclusive o modo de dar à luz e nascer. O livro, neste caso o *Parto Natural*, por meio de uma linguagem simples e acessível, explana com clareza a importância de receber informações durante a gestação e institui uma determinada forma de gestar, parir e maternar.

Alguns vestígios apontam que o mercado desejado era o das mulheres de maior poder aquisitivo, pertencentes às classes média e alta. Nessa obra, os leitores são caracterizados como leigos e a existência de uma hierarquia e a divisão de mundo ficam evidentes na história ficcional de “Maria e Vera”. Entretanto, prever quem foram os reais leitores do livro não será tarefa fácil, embora algumas proposições possam ser feitas. Chartier salienta que os materiais impressos são muito mais largamente presentes, difundidos e partilhados do que se afirmou por muitos anos.¹⁷

¹⁵ A comunidade de leitores caracterizada pela obra *Parto Natural* é denominada de leiga. Contudo, para efeito desta pesquisa será utilizada aqui a noção de leitores leigos não especializados. Afirma-se que os materiais que procuram veicular informações científicas, mas com uma linguagem acessível, familiar e uma formatação textual própria, nas quais visam permitir que esse conteúdo científico seja compartilhado para a maioria deles, trata-se dos leitores não especialistas, isto é, eles são leigos nesses assuntos. JORGE, Juliana. Aspectos Didáticos, Laicos e Científicos de Artigos de Divulgação Científica de duas Revistas de Conteúdo Geral. **Ciência & Educação**, Bauru, v. 17, p. 1015-1025, 2011.p.10

¹⁶ GOODRICH, Frederick.W.Jr. **Parto Natural**: Guia para os futuros pais. Rio de Janeiro: Livraria Atheneu LA,1955. 239. p.

¹⁷ CHARTIER, Roger; et.al. **Práticas da leitura**. São Paulo: Estação da Liberdade, 2009. 266.p.

A circulação dos mesmos objetos escritos e impressos de um grupo social a outro é fluida e sem uma divisão sociocultural inflexível, “que fazia da literatura erudita apenas uma leitura das elites e dos livros ambulantes apenas a dos camponeses”.¹⁸ Nesse sentido, não se pode ser rigoroso na caracterização da comunidade de leitores da obra *Parto Natural*, pois entende-se que o esperado era também a disseminação de seu conteúdo e suporte para outros grupos, inclusive os do não leitores ou iletrados, atendendo, assim, uma comunidade mais ampla.

A fim de elucidar algumas dessas suposições, torna-se oportuno conhecer as taxas de alfabetização em meados do século XX, uma vez que alguns pesquisadores, entre eles Moacir Lopes¹⁹, consideram que o número de anos estudados por uma pessoa influencia diretamente sua capacidade de ler, de se tornar um leitor potencial e um comprador de livros, assim como o seu envolvimento na cultura escrita.

Um texto da Escola Nacional de Ciências Estatísticas, intitulado *Alfabetização por raça e sexo no Brasil: evolução no período 1940-2000*, ressalta que de acordo com os censos de 1940 e 1950 o contingente de pessoas alfabetizadas de ambos os sexos apresentou crescimento até a faixa etária de 15 a 19 anos.²⁰ A partir daí, ocorreu uma redução progressiva, o que está em consonância com as ideias de Moacir Lopes. Em 1960 houve redução na faixa etária, e o máximo alcançado ficou entre 10 e 14 anos de idade.

Afirma-se que em 1960 havia no Brasil, em uma população de 70.992.343 habitantes, perto de 60% de analfabetos. Em 1975 estávamos ainda com 34% da população sem alfabetização. Com o intuito de esclarecer, destaca-se que em 1961 44,5% dos brasileiros frequentavam a escola, 3,9% concluíram o primário, 3,2% faziam o curso secundário ou técnico, tendo 0,8% concluído ou o secundário ou técnico, e 0,4% frequentava a universidade. Já em 1971 esse quadro alterou: das 13.623.388 pessoas matriculadas no primeiro grau, apenas 741.653 (5,4%) concluíram o secundário, conforme estatísticas do Ministério da Educação e Cultura. No mesmo ano havia

¹⁸ CHARTIER, Roger; et.al. **Práticas da leitura**. São Paulo: Estação da Liberdade, 2009, p.79.

¹⁹ LOPES, Moacir Costa. **A situação do escritor e do livro no Brasil**. Rio de Janeiro: Catédra. 1978, p.422.

²⁰ BELTRÃO, Kaizo Iwakami; NOVELLINO, Maria Salet. **Alfabetização por raça e sexo no Brasil: evolução no período 1940-2000**. Rio de Janeiro: Escola Nacional de Ciências Estatísticas, 2002, p. 59.

561.397 (4,1%) pessoas matriculadas em cursos superiores, tendo 73.453 (0,54%) concluído seus cursos.²¹

Ao fazer uma comparação entre os anos de escolaridade e o sexo, constata-se que na década de 1940 as taxas de alfabetização no Brasil correspondiam a 40% da população masculina e 30% da população feminina. Na década seguinte, a mudança desses números é quase imperceptível: 45% dos homens e 39% das mulheres participavam do mundo dos leitores brasileiros.²² Entende-se que durante o século XX o hiato de gênero da educação foi muito elevado, pelo fato de muitas mulheres não terem acesso à educação, mas na década de 1950 houve a reversão desse hiato em todos os níveis. As mulheres souberam aproveitar as oportunidades criadas pelas modificações sociais que ocorreram no País.²³

No entanto, muitas pessoas sabem ler, mas não sabem escrever e não são alfabetizadas. Alberto Manguel ressalta que só aprendeu a escrever muito tempo depois, aos 7 anos de idade. O escritor relata que ele talvez pudesse viver sem escrever, mas não pudesse viver sem ler. Segundo ele, mesmo em sociedades que deixaram registros de passagem, a leitura precede a escrita; para a maioria das sociedades letradas (Islã, sociedades judaicas e cristãs, antigos maias e budistas) ler estava no princípio do contrato social.²⁴

Entretanto, para Moacir Lopes os leitores possíveis ou potenciais são aqueles que têm mais anos de estudos, principalmente a partir do curso secundário. Afirma que esses indivíduos possuem maior contato com o livro e adquirem certa identidade, pois é quando se descobre uma cultura, além dos livros didáticos, passando a procurar livros de ficção e assuntos generalizados. O autor conclui que em tese, naquela época, apenas 1% do brasileiro teria capacidade intelectual de ser um leitor potencial, pois além de possuir maior competência ele teria condições de ter um emprego melhor, o que lhe permitiria comprar livros.²⁵

²¹ LOPES, Moacir Costa. **A situação do escritor e do livro no Brasil**. Rio de Janeiro: Catédra. 1978, p.422.

²² BELTRÃO, Kaizo Iwakami; NOVELLINO, Maria Salet. **Alfabetização por raça e sexo no Brasil: evolução no período 1940-2000**. Rio de Janeiro: Escola Nacional de Ciências Estatísticas, 2002, p. 59.

²³ BELTRÃO, Kaizo Iwakami; ALVES, José Eustáquio Diniz. A reversão do hiato de gênero na educação brasileira no século XX. **Cadernos de Pesquisa**, v. 39, n.136, p.125-156, jan./abr. 2009.

²⁴ MANGUEL, Alberto. **Uma história da leitura**. São Paulo: Companhia das Letras, 1997, p. 408.

²⁵ LOPES, Moacir Costa. **A situação do escritor e do livro no Brasil**. Rio de Janeiro: Catédra. 1978, p.422.

Apesar de o foco não ser o real número de leitores e a comunidade de leitores específica atingida pela obra *Parto Natural*, por um lado, postula-se que foram as classes sociais alfabetizadas e mais abastadas que possuíam condição financeira para a compra desse livro e para consumir alguns dos produtos listados em suas páginas, como vestimenta, cremes para o corpo e alimentação. Além disso, eram elas que detinham competências específicas para a realização do ordenamento demarcado pela obra, ou seja, de preparação para o ciclo gravídico puerperal. Um dos vestígios deixados pelo livro são alguns exemplos utilizados por ele para facilitar o processo de entendimento pelo leitor. A título de ilustração, tem-se:

O conhecimento que a maioria das pessoas tem de seu organismo é aproximadamente igual tem sobre seu automóvel. Colocamos gasolina no tanque, mudamos o óleo com intervalo certo, verificamos a pressão dos pneus e a água do radiador e esperamos que nosso automóvel funcione quando dêle precisamos.

Aquêles que se interessam por esportes poderão compreender êste conceito. Uma das expressões comuns do jôgo de golfe é “forçar”. Se você tenta completar uma tacada e falha é porque “forçou”; em outras palavras, você bateu com muita fôrça, não se relaxou enquanto desferia a tacada.

Outro ponto importante com respeito aos músculos é que, quando não são usados, sofrem atrofia e, quando são usados mais não ao máximo de sua capacidade, ficam com atrofia parcial. Dois exemplos farão com que você entenda isto melhor. Se você é uma jogadora de tênis e, por alguma razão, não tem oportunidade de exercitar durante um ano.²⁶



Esses trechos ressaltam que os leitores tinham poder aquisitivo para ter um carro e praticar tênis ou golfe, ou que conheciam os seus valores, seja por proximidade seja por interesse em se inserir nesse grupo social. Sabe-se que na década de 1950 ter um automóvel era para apenas alguns brasileiros e que esportes como o tênis e golfe sempre foram praticados por uma pequena elite. Os esportes como automobilismo, golfe e tênis são pertencentes aos grupos etilistas e que o futebol, o atletismo e o basquete são esportes mais populares.²⁷

²⁶ GOODRICH, Frederick.W. Jr. **Parto Natural**: Guia para os futuros pais. Rio de Janeiro: Livraria Atheneu LA, 1955, p. 239.

²⁷ DARIDO, Suraya Cristina Temas transversais e a educação física escolar. In: UNIVERSIDADE ESTADUAL PAULISTA. **Caderno de formação**: formação de professores didática dos conteúdos. São Paulo: Cultura Acadêmica, 2012, v. 6; p. 76-89.

Além disso, o livro *Parto Natural*²⁸ descreve detalhadamente, a partir da página 117, a alimentação da gestante. Os grupos alimentares são compostos de sete, a saber: leites e derivados (1), vegetais (2), frutas (3), ovos (4), carnes, peixes e aves (5), cereais e pães (6) e manteiga ou margarina reforçada (7). Entre os alimentos são mencionados queijos sofisticados, pães pretos ricos em grãos e a ingestão de pelo menos um ovo diariamente, associado a um tipo de carne, peixe e aves. Esses alimentos não participam da prática alimentar da maioria da população brasileira.

Segundo a obra, as roupas para grávidas devem ser elegantes e práticas. Outra situação citada é a exemplificação de uma mulher que solicitou ao médico um exame de laboratório para saber se estava grávida. O tipo de vestimenta descrita na obra *Parto Natural* e a agilidade da realização do exame e da entrega do resultado também não condizem com a situação financeira e nem com o acesso aos serviços de saúde da maioria da população dos anos de 1950. Esses sinais vão ao encontro de uma pesquisa sobre a prática do “Parto Sem Dor”, no sul do Brasil. Acredita-se que esse método de preparação para o parto deve ter se restringido às clínicas privadas nas décadas de 1950 e 1960 e que ele era visto como uma forma diferenciada de cuidar, “um atributo a mais” que os médicos podiam ofertar às clientes.²⁹

Entretanto, não se pode deduzir que a abrangência do livro fosse tão limitada. A clivagem essencial, porém, grosseira, entre analfabetizados e analfabetos não esgota as diferenças na relação com o escrito. Os que podem ler os textos não os leem de maneira semelhante, e a distância é grande entre os letrados de talento e os leitores menos hábeis, que são obrigados a oralizar o que leem para poder compreender o material escrito.³⁰

A circulação dos textos apoia-se fortemente nos vínculos tecidos pelas comunidades das cidades. Essa recepção popular do impresso não estabelece, contudo, uma literatura específica, mas faz com que os mais humildes manuseiem textos que não são propriamente para eles. O autor ressalta ainda que os objetos culturais circulam com

²⁸ GOODRICH, Frederick.W.Jr. **Parto Natural**: Guia para os futuros pais. Rio de Janeiro: Livraria Atheneu LA, 1955, p. 239.

²⁹ TORNQUIST, Carmen Suzana; SPINELLI, Carolina Shimomura. Um jeito soviético de dar à luz: o parto sem dor no sul da América do Sul. **História oral**. v.12, n.1-2, p. 129-156, jan./dez. 2009.

³⁰ CHARTIER, Roger. O MUNDO como representação. **Estudos Avançados**. v.11, n.5, 172-191p.1991.

uma lógica que não obedece estritamente às classes sociais.³¹ Os princípios de diferenciação social podem ser outros: sexo, geração, religião, solidariedade comunitária, tradições educativas, corporações.³²

Partindo desse pressuposto, postula-se que os leitores, alfabetizados ou não, poderiam ter tido acesso ao livro *Parto Natural* por outra forma de ler, a leitura oralizada e em grupo, por meio de cursos de preparação para gestantes. Essa prática cultural era defendida pelos idealizadores das teorias. Em busca de indícios da realização dessa prática no território brasileiro investigaram-se diversos artigos que divulgaram essa informação, com o propósito de averiguar a circulação da obra *Parto Natural* e a prática da leitura.

No entanto, foram encontrados poucos sinais sobre a realização desses cursos. Entre eles podem ser citados os cursos na Bahia, nos anos de 1950 e 1960, que foram descritos nas obras *Parto Sem Dor: pelo método psicoprofilático*³³ e *Parto Natural Sem Dor*³⁴. Outro vestígio foi apontado na Revista Saúde Pública de São Paulo, em 1972, em um artigo intitulado *Avaliação quantitativa de serviços de pré-natal*. O estudo postula que os serviços complementares existentes no pré-natal, como curso de preparação ao parto, assistência social, entre outros, qualificavam as consultas.³⁵

Um artigo divulgado na Revista Brasileira de Enfermagem, intitulado *Preparo da gestante para o parto*, descreve as teorias de preparação para o parto de uma forma comparativa e resgata as práticas de alívio da dor do parto desde as sociedades primitivas.³⁶ No entanto, não registra se essa prática realmente ocorria nos serviços de saúde brasileiros. Já em 1975, dois anos depois, foi publicado o *Preparo da gestante para o parto. Aulas teórico-práticas*.³⁷ Nesse documento registra-se:

³¹ CHARTIER, Roger. **LEITURAS e leitores na França do Antigo Regime**. São Paulo: Editora Unesp, 2004.395.p.

³² CHARTIER, Roger. **A História Cultural: entre práticas e representações**. Lisboa: Difel, 1988. 244.p.

³³ MASCARENHA, Gerson de Barros. **Parto sem dor: pelo método psicoprofilático**. Salvador: Livraria Progresso Editôra, 1958.154.p.

³⁴ BEUTNER, G.W. **Parto Natural sem Dor**. Rio de Janeiro: Editora Fundo de Cultura, 1962. 160. p.

³⁵ CIARI, Ciro. Jr.; et al. Avaliação quantitativa de serviços de pré-natal. **Rev. Saúde Pública**, São Paulo: v.6, p. 361-370,1972. p.9.

³⁶ Artigo produzido pela professora assistente doutora da Escola de Enfermagem da USP, com publicação simultânea na Revista da Escola de Enfermagem USA. Ver com maiores detalhes: FREDDI, Wanda Escobar da Silva. Preparo da gestante para o parto. **Rev. Brasileira de Enfermagem**, Brasília, v. 26, p. 108-120, 1973. p.12.

³⁷ Maria José Schmidt era enfermeira obstétrica da Superintendência do INPS em São Paulo.

Neste artigo, o último desta série, descrevemos um curso de preparo psicofísico para o parto, baseado principalmente nos métodos de Read e Psicoprofilático. Este curso vem sendo dado, há alguns anos, por Maria José Schmidt, com indiscutível êxito.³⁸

Com base nesse fragmento, conclui-se que existiam cursos de preparação para gestante na década de 1970, período contemporâneo à época de circulação da obra *Parto Natural*. Essa afirmação pode ser confirmada, pois a abordagem grupal incluía atividades com clube de mães, grupos de escolares, adolescentes, jovens (no recrutamento militar), professores, pais e, especialmente, gestantes, que são repetidamente enfatizadas a partir da década de 1970.³⁹

Portanto, pode-se considerar a existência das leituras oralizadas em curso para gestantes e seus familiares na segunda metade do século XX, proferidas pelos profissionais nos serviços de saúde, de acordo com que foi almejado pelos idealizadores dos métodos de preparação para gestantes e conforme pregado pela obra *Parto Natural*. Essas diversas práticas de leitura contribuem para a disseminação da informação, e muitas vezes estão distantes do ordenamento prescrito pelos livros, que certamente visaram ao leitor ideal, que teria uma leitura competente e eficaz, reproduzindo, assim, a representação ambicionada. Diante dessa necessidade, avocam-se novos públicos ou usos inéditos ou apropriações plurais.

Acrescenta-se que o leitor que lê em voz alta e se dirige a um público de ouvinte destina sua leitura tanto para os ouvidos quanto para os olhos. Esse tipo de leitura conta com formas e procedimentos capazes de submeter o escrito às exigências próprias do desempenho oral.⁴⁰ O objetivo da prática do preparo da gestante por intermédio dos cursos é ter uma leitura no coletivo, em que uma palavra mediadora é leitora para os iletrados ou mal letrados. Alguns leem e outros escutam, e assim, bem ou mal, todos se aproximam da escrita, percebem-na e experimentam a sua presença; afirma-se que não existe necessidade de separar os letrados e iletrados.⁴¹

³⁸ SCHMIDT, Maria José; FREDDI, Wanda Escobar da Silva. Preparo da gestante para o parto. Aulas teórico-práticas. **Rev. Bras. Enf.**, Rio de Janeiro, v.28, p. 15-25, 1975, p.10.

³⁹ MAI, Lilian Denise. **Análise da produção do conhecimento em Eugenia na Revista Brasileira de Enfermagem** – REBEn, 1932 a 2002. 2004. 194f. Tese (Doutorado em Enfermagem) – Escola de Enfermagem de Ribeirão Preto. Universidade de São Paulo, Ribeirão Preto, 2004.

⁴⁰ CHARTIER, Roger. O MUNDO como representação. **Estudos Avançados**. v.11, n.5, 172-191p.1991.

⁴¹ CHARTIER, Roger; et al. **Práticas da leitura**. São Paulo: Estação da Liberdade, 2009. 266.p.

A leitura em voz alta feita por uma autoridade do saber, médico ou enfermeira, ensina a todos os mandamentos da pedagogia do parto. A palavra que é dita e ouvida cimenta e institui um modelo de preparo na comunidade familiar ou coletiva. Trata-se então, por ser um manual educativo, de uma leitura compartilhada, uma leitura plural, que oferece um texto a ser lido para aqueles que sabem ler e signos ou imagens a decifrar para aqueles que não sabem ler. Contudo, não se pode afirmar que os profissionais de saúde manejaram, leram ou proferiram em voz alta o conteúdo e o ordenamento da obra *Parto Natural*, pois não foi encontrado nenhum indício que comprovasse essa prática. Entretanto, esse tema e a teoria “Parto Natural” circularam na época.

A CIRCULAÇÃO, OUTROS LEITORES E A LEITURA DA OBRA *PARTO NATURAL* NOS ESPAÇOS PRIVADOS E PÚBLICOS UNIVERSITÁRIOS

A difusão e a circulação do impresso, na maioria das vezes, são imensuráveis. A história do livro, do ponto de vista da Sociologia Cultural, esforçou-se para reconhecer os limites da difusão do impresso. Ressalta-se que as lojas não são a única forma de venda de livros, pois existem as vendas por ambulantes e a literatura popular.⁴² Ao fazer uma analogia com os dias atuais, pode-se pressupor a dificuldade de tracejar as formas de difusão dos livros diante da diversidade de locais para compra, como livrarias, lojas de departamentos, sebos, feiras literárias, ruas, entre outros, por exemplo, os espaços virtuais.

E ainda existe o empréstimo ou a própria doação do livro, o que contribui para o seu uso e sua circulação. Roger Chartier alega que o livro lido nem sempre era possuído e que o primeiro costume, tão antigo quanto o próprio livro, é o do empréstimo.⁴³ Também, é necessário considerar que todo livro obtido não significa lido e que, inversamente, a leitura não implica a compra, pois o acesso pode se dar de diversas maneiras.⁴⁴

⁴² CHARTIER, Roger; ROCHE, Daniel. O livro. In: LE GOFF, Jacques. et.al. **História: Novos Objetos**. 4 ed. Rio de Janeiro: Francisco Alves. 1995. 99-115p.

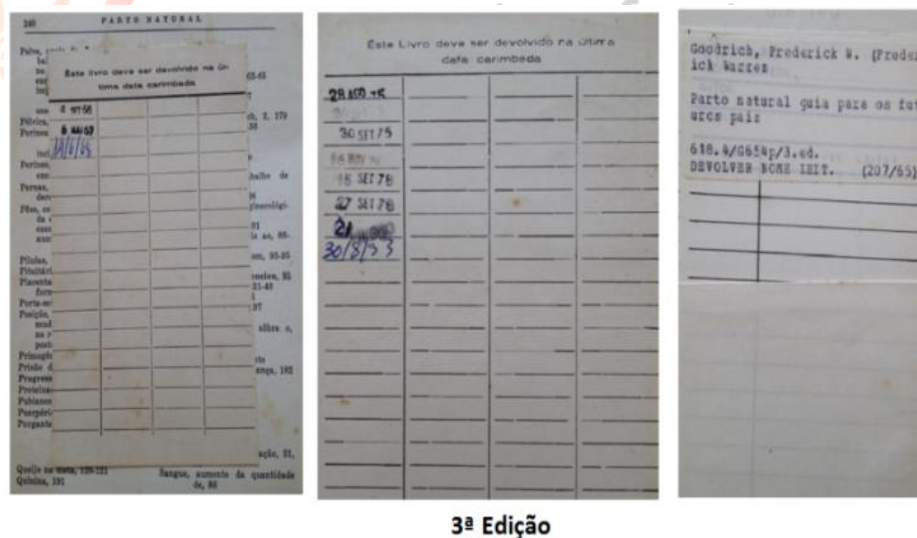
⁴³ CHARTIER, Roger. **LEITURAS e leitores na França do Antigo Regime**. São Paulo: Editora Unesp, 2004.395.p.

⁴⁴ CHARTIER, Roger; ROCHE Daniel. O livro. In: LE GOFF, Jacques. et.al. **História: Novos Objetos**. 4 ed. Rio de Janeiro: Francisco Alves. 1995. 99-115p.

Diante disso, postula-se que o livro pode ser acessado e lido em uma biblioteca pública ou privada, no local de trabalho ou ensino, entre outros lugares diversos. Como exemplo, citam-se as bibliotecas das universidades, pois foi o primeiro local onde a obra foi encontrada. Pode-se afirmar que o livro *Parto Natural* foi manuseado por estudantes dos cursos de enfermagem e medicina e também por outros profissionais, entre eles médicos, obstetras, enfermeira, matemático e engenheiro mecânico, pois a obra foi encontrada disponível em quatro bibliotecas, e todas as suas fichas de empréstimos foram analisadas (Imagens 01, 02, 03, 04, 05 e 06).

A Imagem 01 é da obra que pertencia à Escola de Enfermagem Alfredo Pinto. Percebe-se que os empréstimos ocorreram entre 1966 e 1993, mais predominantemente em 1960 e 1970, totalizando 11 empréstimos. Acredita-se que foram os alunos ou os professores de enfermagem que manipularam a obra, o que, no entanto, não se pode assegurar, pois não tivemos acesso aos nomes das pessoas que a solicitaram na biblioteca.

Imagem 01 - Lista de empréstimo da obra Parto Natural: Guia para os futuros pais. 3ª edição, 1960, da Escola de Enfermagem Alfredo Pinto.

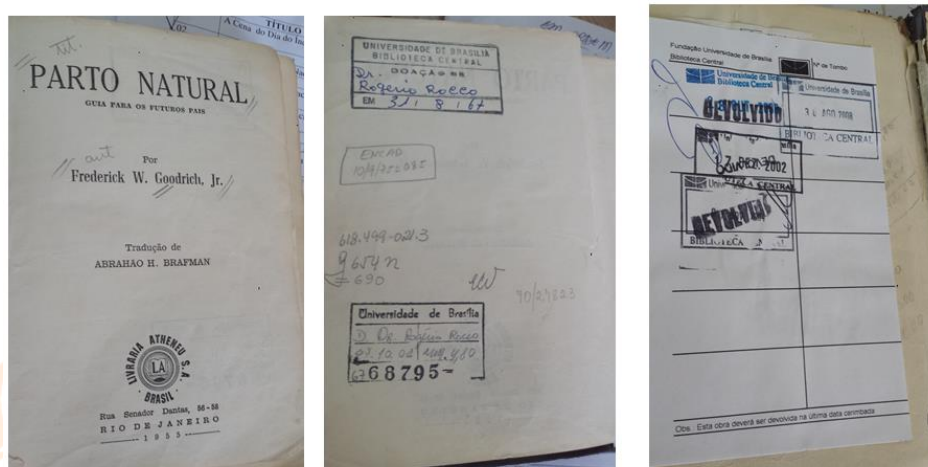


Fonte: GOODRICH, Frederick.W.Jr. **Parto Natural**: Guia para os futuros pais. 3 ed. Rio de Janeiro: Livraria Atheneu LA,1960. 239.p

Já no livro da Universidade de Brasília conseguiu-se apenas a lista de empréstimos feitos entre 2002 e 2008 (Imagem 02), apesar de ele ter sido emprestado até 2013. Em 2004, ele foi emprestado por cinco vezes para uma enfermeira, totalizando um período de cinco meses consecutivos. Já em 2008, o empréstimo foi para um

matemático, que permaneceu com a obra por um tempo de 13 dias. Esse período foi coetâneo à época em que ele fazia mestrado na Universidade de Brasília. Em 2013 o empréstimo foi para um engenheiro mecânico, por três vezes consecutivas, totalizando um período de 41 dias contínuos.⁴⁵ Postula-se que a aquisição por eles poderia se enquadrar na categoria de futuro pai, pois esse assunto também pertence ao universo masculino.

Imagem 02 - Folha de rosto, carimbos e lista de empréstimos da obra Parto Natural: Guia para os futuros pais, 1ª edição, da Universidade de Brasília – Biblioteca Central



1ª Edição

Fonte: GOODRICH, Frederick.W.Jr. **Parto Natural**: Guia para os futuros pais. Rio de Janeiro: Livraria Atheneu LA,1955. 239.p

Na obra da Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho”, conforme a Imagem 03, não é possível identificar o ano, apenas o dia e o mês, totalizando cinco empréstimos. Na Imagem 04 constata-se a presença de dois empréstimos, em 2003 e 2010, respectivamente.

⁴⁵ A imagem referente a essas informações não foi colocada, a fim de preservar a identidade e a privacidade das pessoas que solicitaram o empréstimo da obra.

Imagem 03 - Folha de rosto, carimbos e lista de empréstimos da obra Parto Natural: Guia para os futuros pais, 3ª edição, da Universidade Estadual Paulista – Campus de Presidente Prudente.



Fonte: GOODRICH, Frederick.W.Jr. **Parto Natural**: Guia para os futuros pais. 3 ed. Rio de Janeiro: Livraria Atheneu LA,1960. 239.p

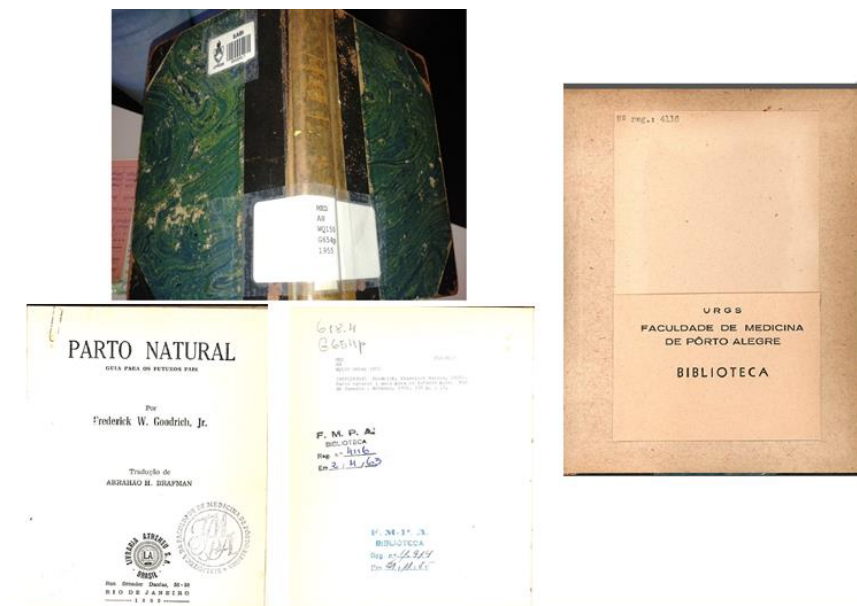
Imagem 04 - Base de dados de circulação da obra: Parto Natural: Guia para os futuros pais, 3ª edição, da Universidade Estadual Paulista – Campus de Presidente Prudente.



Fonte: Biblioteca da Universidade Estadual Paulista – Campus de Presidente Prudente.

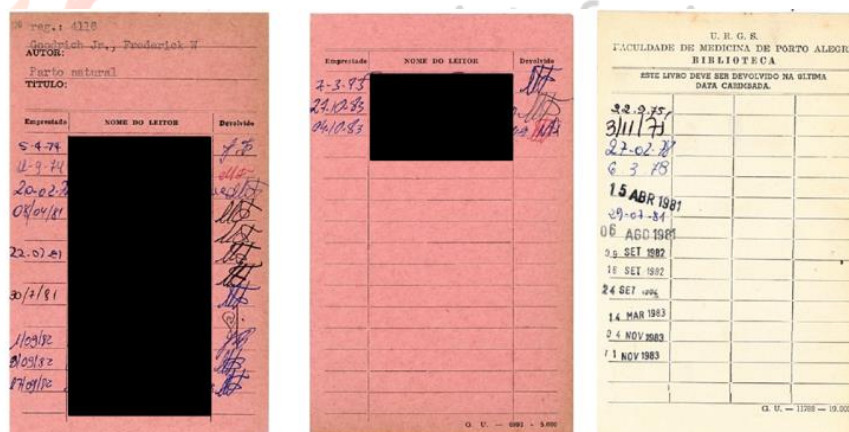
A obra mais manipulada (Imagem 05), conforme a listagem de empréstimos (Imagem 06) foi da Universidade Federal do Rio Grande do Sul, adquirida em 1963 pela Faculdade de Medicina de Porto Alegre (FMPA). No total foram 25 empréstimos, na maioria feitos por alunos da medicina e uma estudante de enfermagem, no período entre os anos de 1974 e 1983.

Imagem 05: Obra: Parto Natural: guia para os futuros pais – 1ª edição (1955) - da Universidade Federal do Rio Grande do Sul.



Fonte: GOODRICH, Frederick.W.Jr. **Parto Natural**: Guia para os futuros pais. Rio de Janeiro: Livraria Atheneu LA,1955. 239.p

Imagem 06: Lista de empréstimo da Obra: Parto Natural: guia para os futuros pais – 1ª edição (1955) - da Universidade Federal do Rio Grande do Sul.



Fonte: GOODRICH, Frederick.W.Jr. **Parto Natural**: Guia para os futuros pais. Rio de Janeiro: Livraria Atheneu LA,1955. 239.p

Outras induções são referentes às compras ou doações do livro pelas universidades. Algumas instituições adquiriram a obra pouco tempo depois da inauguração do curso de medicina. A título de ilustração, a Universidade de Brasília adquiriu, por meio da doação, a primeira edição do livro *Parto Natural* (1955) em 31 de agosto de 1967, tendo o curso de medicina começado em 1965 e o de enfermagem, dez

anos mais tarde.⁴⁶ Ela foi doada pelo médico obstetra Rogério Rocco. Já a Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho” possui a 3ª edição, de 1960, que atualmente não está disponível na biblioteca dos cursos de medicina e enfermagem⁴⁷, os quais foram criados em 1962 e 1989, respectivamente. A partir disso, é possível deduzir que a aquisição da obra por essas duas universidades foi para os alunos do curso de medicina.

Na Universidade Federal de Minas Gerais, o livro *Parto Natural* (Imagem 07) está disponível no Centro de Memória da Faculdade de Medicina, criado em 1977 para armazenar o vasto acervo de livros, documentos, quadros, esculturas e outras peças fundamentais para a preservação da história da medicina e da saúde. Deve-se destacar que a Faculdade de Medicina dessa universidade foi criada em 1911⁴⁸. A valorização do livro e da própria história é demonstrada e legitimada por meio de um centro de memória construído por essa instituição federal. Por se encontrar em um acervo do curso de medicina, novamente, postula-se que a obra foi designada para os alunos desse curso. Constatou-se que ela não apresenta nenhum registro e nem carimbo institucional, logo acredita-se que ela foi doada.⁴⁹

Imagem 07 - Capa da obra *Parto Natural: Guia para os futuros pais*, 1ª edição do Centro de Memória da Faculdade de Medicina da Universidade Federal de Minas Gerais.



⁴⁶ Informações disponíveis no site: www.unb.br/fm/ e www.unb.br/fs/enfermagem.htm. Acesso em 23 de maio de 2014. Em relação ao livro *Parto Natural*, as informações foram fornecidas pela bibliotecária.

⁴⁷ Essa obra está em uma biblioteca localizada em Presidente Prudente (Fac. C. Teconol. P. Prudente), em sua coleção geral. Os cursos de enfermagem e medicina estão em outra região, Botucatu. Conforme informação de um funcionário da UNESP, após 1985, em virtude de algumas modificações entre USP, UNESP e UNICAMP, muitos documentos foram perdidos. Dessa forma, como se trata de uma obra antiga e para leigos, não justifica sua presença ou sua valorização na biblioteca específica para os cursos da área da saúde. Outras informações: <http://www.fmb.unesp.br/#!/graduacao/enfermagem/> e <http://www.fmb.unesp.br/>.

⁴⁸ Essas informações foram retiradas no próprio site da UFMG, disponível em: <http://www.medicina.ufmg.br/ceemor/>. Acesso em 10 de janeiro de 2014.

⁴⁹ A doação foi informação da coordenadora do Centro de Memória da Faculdade de Medicina da Universidade Federal de Minas Gerais.

Fonte: GOODRICH, Frederick.W.Jr. **Parto Natural**: Guia para os futuros pais. Rio de Janeiro: Livraria Atheneu LA,1955. 239.p

Já no acervo da Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro encontram-se disponíveis dois exemplares, conforme informações retiradas no próprio site da instituição⁵⁰. Porém, ao tentar ter acesso a essas obras e a informações, identificou-se que elas deveriam estar localizadas na biblioteca da Escola de Enfermagem Alfredo Pinto e da Nutrição, no entanto não foi possível localizá-las. Inclusive, uma delas está no acervo do LACENF, pois foi descartada por essa biblioteca. Segundo informações da bibliotecária, o sistema virtual precisa ser atualizado. Distintamente das outras universidades, o livro *Parto Natural* foi adquirido principalmente para os alunos de enfermagem, o que pode ser certificado pela Imagem 08.

Imagem 08 - Obra Parto Natural: Guia para os futuros pais, 3ª edição.



Fonte: GOODRICH, Frederick.W.Jr. **Parto Natural**: Guia para os futuros pais. 3 ed. Rio de Janeiro: Livraria Atheneu LA,1960. 239.p

Diante disso, definir a leitura ou o uso da obra *Parto Natural* por meio das condições de aquisição financeira do leitor ou da sua potencialidade de leitor, conforme postulado pelo escritor Moacir Lopes, é abandonar ou negar o empréstimo do livro e a leitura silenciosa em biblioteca, ou seja, em espaços públicos. Entretanto, afirmar que todas as mulheres que tiveram acesso ao conteúdo da obra *Parto Natural*, principalmente aquelas que possuem menor poder aquisitivo, seguiram o cardápio de alimentação prescrito, entre outros ordenamentos, seria muito arriscado. Pressupõe-se,

⁵⁰ Mais informações: <http://www.biblioteca.unirio.br/>

assim, a necessidade de uma interpretação do conteúdo pelas mulheres, entre outros leitores, distinta da tutelada pelo livro.

No caso dos empréstimos e do tempo em que o livro permaneceu com o leitor, apresentado anteriormente, pode-se supor que existiam, no interior das casas, ou no trabalho, espaços destinados à leitura. Ademais, os vestígios demonstram que há empréstimo e circulação do livro *Parto Natural* até os dias atuais. O empréstimo realizado por homens reforça a ideia de que o livro não se restringia a um grupo seleto de mulheres, pois ele podia ser lido por qualquer pessoa que se dispusesse a fazê-lo.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O livro *Parto Natural* provavelmente teve boa entrada na cultura brasileira em meados do século XX, por duas razões. Por um lado, fixou ou foi portador da palavra por meio de quatro edições, sobretudo quando se compara com os livros publicados naquela época. Essas, juntamente com outros suportes textuais, podem ter influenciado as práticas de saúde e o modo de viver das mulheres, atravessando do foro mais íntimo, dos interiores dos lares, até os serviços de saúde e instituições de ensino. Elas podem ter levado a crer, a fazer, ou a imaginar o que lhe é contado e a tomar como verdadeiro o discurso que lhe é feito. Pretenderam revolver a produção cultural da obstetrícia em meados do século XX, compondo o modelo obstétrico, instaurando, assim, distinções e representações. Por outro lado, supostamente permitiram a circulação da teoria *Parto Natural* por meio da escrita, em virtude do número repetido de edições do livro em nove anos.

Lendo, manejando e se apropriando da obra *Parto Natural*, compreende-se que as estratégias editoriais, que, com efeito, buscam um número maior e mais diversificado de leitores: mulheres, homens, alunos e profissionais da área da saúde. Por meio da materialidade e da estética do livro, foram constatados vários indícios de leituras, intenções contrastadas e leitores diversos. Elas, conjuntamente, produziram de uma maneira despercebida, ou não, uma ampliação da comunidade de leitores, desenhando fronteiras culturais totalmente imprevisíveis e inéditas. Daí a dificuldade para traçar sua circulação.

Embora tenham almejado principalmente as mulheres, ao delinear um modelo de conduzir a gestação, o parto e o puerpério, postula-se que atingiram também os

profissionais de saúde, pois eles foram os portadores das palavras, de uma fala pedagógica. Provavelmente por meio deles consolidou-se e assegurou-se a circulação da temática de preparação para o parto. Além disso, não se pode afirmar que a circulação da obra foi intensa e se disseminou pelo território e pela cultura brasileira, uma vez que não foi encontrado nenhum vestígio que comprove esse fato, podendo ser feitas somente suposições. No entanto, é possível admitir que a temática de preparação da mulher para o processo de gestar, parir e maternar circulou e foi praticada em meados do século XX.

RECEBIDO EM: 29/11/2016

PARECER DADO EM: 17/10/2018



www.revistafenix.pro.br